



# Da eclesiologia mariana do Vaticano II à “Igreja em saída” de Francisco

From the marian ecclesiology of Vatican II  
to Francis’ “Church on mission”

*Anderson Moura Amorim\**

PUCRIO

Recebido em: 04/03/2025. Aceito em: 26/03/2025.

**Resumo:** *O presente artigo analisa a eclesiologia mariana do documento Lumen Gentium, capítulo VIII, intitulado A Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no Mistério de Cristo e da Igreja, abordando sua evolução desde o Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965) até a concepção da “Igreja em saída” proposta pelo Papa Francisco. A hipótese é que a Mariologia do Concílio Vaticano II contribui significativamente para a compreensão da Igreja como modelo a ser seguido, especialmente no contexto de sua missão pastoral. O objetivo do estudo é examinar como a figura de Maria se insere na eclesiologia conciliar e como se conecta com a visão pastoral do Papa Francisco, que enfatiza uma Igreja voltada para as periferias e dedicada à evangelização. A metodologia utilizada baseia-se na análise do capítulo VIII da Constituição Lumen Gentium e na revisão crítica da literatura teológica atual sobre Mariologia e Eclesiologia, com foco na visão de Francisco sobre a Igreja como uma mãe em missão. Tanto o Concílio Vaticano II quanto o Papa Francisco propõem uma Mariologia integrada à eclesiologia, destacando Maria como modelo de vida cristã e compromisso com os mais necessitados, além de ressaltar a missão da Igreja de acolher e evangelizar, especialmente os marginalizados, em um processo de transformação e renovação.*

**Palavras-chave:** *eclesiologia mariana; Vaticano II; Igreja em saída.*

**Abstract:** *This article analyzes the Marian ecclesiology in the document Lumen Gentium, Chapter VIII, titled “The Blessed Virgin Mary, Mother of God, in the Mystery of Christ and the Church,” addressing its evolution from the Second Vatican Council (1962-1965) to the conception of the “Church in Mission” proposed*

\* Doutorando em Teologia Sistemática (Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, PUCRIO, 2024). Mestre em Teologia Sistemática (Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Recife, 2022).

E-mail: christo.moura@hotmail.com.





by Pope Francis. The hypothesis is that the Mariology of the Second Vatican Council significantly contributes to understanding the Church as a model to be followed, especially in the context of its pastoral mission. The aim of the study is to examine how the figure of Mary is integrated into conciliar ecclesiology and how it connects with Pope Francis' pastoral vision, which emphasizes a Church focused on the peripheries and dedicated to evangelization. The methodology used is based on the analysis of chapter VIII of the Constitution *Lumen Gentium* and on the critical review of the current theological literature on Mariology and Ecclesiology, focusing on Francis' vision of the Church as a mother on a mission. Both the Second Vatican Council and Pope Francis propose a Mariology integrated into ecclesiology, highlighting Mary as a model of Christian life and commitment to the needy, as well as stressing the Church's mission to welcome and evangelize, especially the marginalized, in a process of transformation and renewal..

**Keywords:** *marian ecclesiology; Vatican II; Church on the way out.*

## Introdução

A figura de Maria, Mãe de Deus, tem grande relevância na eclesiologia do Concílio Vaticano II (1962-1965), especialmente no capítulo VIII da Constituição *Lumen Gentium* (1964). Maria é apresentada como modelo exemplar da Igreja, refletindo sua missão e relação com Cristo (Ratzinger; Balthasar, 2004, p. 25). Este artigo analisa a eclesiologia mariana no contexto do Vaticano II, que, ao promover um *aggiornamento* na Mariologia, respondeu às tendências unilaterais da época (De Fiores, 1985, p. 892-893), buscando nas Escrituras e na teologia patrística inspiração para tratar a importância de Maria para a Igreja no mundo contemporâneo, destacando seu papel no mistério de Cristo e da Igreja (LG 52).<sup>1</sup> O artigo também explora a influência da Mariologia conciliar na Igreja contemporânea.

O desenvolvimento da Mariologia após o Concílio Vaticano II também representa uma etapa fundamental no aprofundamento da eclesiologia mariana. A reflexão sobre a figura de Maria foi ampliada por meio de diversos documentos papais, como a Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (1974), de Paulo VI, a Carta Encíclica *Redemptoris Mater* (1987), de João Paulo II e pelas reflexões mariológicas das conferências episcopais precedentes, especialmente as da América Latina e do Caribe. A Igreja pós-conciliar enfatizou Maria como membro supereminente

<sup>1</sup> As chamadas indicam a sigla da Encíclica (*Lumen Gentium*) e o parágrafo correspondente (Paulo VI, 1964).



da Igreja e modelo de vida cristã, propondo uma renovação do entendimento de sua presença na missão da Igreja. Nesse sentido, a análise do desenvolvimento da Mariologia após o Concílio constitui um dos pilares desta pesquisa.

Por fim, o Papa Francisco, em sua proposta de “Igreja em saída” (EG 24),<sup>2</sup> retoma a eclesiologia mariana, inserindo-a na missão pastoral voltada para as periferias. Para ele (FT 276),<sup>3</sup> a Igreja, como mãe, à semelhança de Maria, é uma “Casa de portas abertas [...] que promove reconciliação e acolhimento”. O Pontífice propõe uma Igreja inspirada em Maria, a serviço dos marginalizados, promovendo evangelização e acolhida (FT 276; 278). Este estudo examina como a visão do Papa Francisco sobre a Igreja como mãe em missão reflete e aprofunda a Mariologia do Concílio Vaticano II, alinhando-a com os desafios pastorais do século XXI, e busca entender a continuidade e inovação da Mariologia em sua eclesiologia.

## 1 A eclesiologia mariana no Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, foi um marco ao abordar a natureza e estrutura da Igreja (Mondin, 1986 p. 192). Embora inicialmente pastoral, sua contribuição dogmática se reflete na *Lumen Gentium*, que expõe a doutrina sobre a Igreja (Kloppenburger, 2004, p. 832). A inclusão da Mariologia nesse documento revela a relação indissociável entre Maria e a Igreja, evidenciando que a compreensão plena de Maria só é possível dentro de uma visão eclesiológica integrada (Hackmann, 2014, p. 18). Assim, a Mariologia no Vaticano II é essencial para entender a Igreja como mistério, comunidade e missão.

Segundo Hackmann (2014, p. 15), a *Lumen Gentium* trouxe uma renovada perspectiva sobre a Igreja, destacando a relação intrínseca entre a Igreja e a Trindade, com ênfase especial em Cristo, e a evolução de elementos teológicos à luz das Escrituras e da tradição patristica, dogmática e litúrgica. O Concílio não buscou apenas redefinir a interação entre hierarquia e laicato, mas também afirmou a identidade da Igreja e convocou seus membros para a missão evangelizadora. Segundo Rahner

<sup>2</sup> As chamadas indicam a sigla da Encíclica (*Evangelii Gaudium*) e o parágrafo correspondente (Francisco, 2013).

<sup>3</sup> As chamadas indicam a sigla da Encíclica (*Frattelli tutti*) e o parágrafo correspondente (Francisco, 2020).



(1982, p. 343), foi um Concílio “sobre a Igreja”, sendo a primeira vez que um Concílio Ecumênico tratou tão claramente da Igreja em sua essência. Teólogos, como J. Ratzinger<sup>4</sup>, Boaventura Kloppenburg<sup>5</sup> e Gérard Philips,<sup>6</sup> logo se debruçaram sobre a eclesiologia do Vaticano II, oferecendo contribuições para a interpretação desses textos fundamentais.

Hackmann (2014, p. 16-18) analisa a *Lumen Gentium* a partir de três elementos eclesiológicos. O primeiro é a dimensão trinitária, em que a Igreja é vista como existindo em e por Cristo, segundo Ratzinger (2000, p. 67). O segundo é a dimensão pneumatológica, que entende a Igreja como instrumento de Deus, com o Espírito Santo sendo sua alma. O terceiro, e de grande relevância, é a inserção de Maria na Eclesiologia, no capítulo VIII, ligando Maria à Igreja. Para Ratzinger e Balthasar (2004, 25), a inclusão de Maria não é meramente simbólica, mas representa um ideal, com Maria como modelo e antecipação da Igreja em sua plenitude.

Apesar das tensões anteriores ao Concílio Vaticano II sobre a doutrina mariológica, refletindo as correntes *crisotípica* e *eclesiotípica* (Almeida, 2005, p. 179-190),<sup>7</sup> o Concílio, segundo Pozo (1974, p. 5156), estabeleceu um ponto de convergência, permitindo a continuidade da reflexão teológica. Esse avanço propôs uma nova perspectiva sobre Maria, à luz do “mistério de Cristo e da Igreja” (LG 53), integrando-a na reflexão teológica (De Fiores, 1985, p. 893), com base numa visão bíblica, patrística e litúrgica (Boff, 2004, p. 93-94). Na *Lumen Gentium* (LG56), sua identidade é compreendida pela Eclesiologia, com a Mariologia expressando a Economia salvífica. Ao posicionar a Mariologia entre a Eclesiologia e a Cristologia, os padres conciliares, conforme Eufrazio (2017, p. 266-267), desenvolveram uma abordagem que entende Maria dentro da História da Salvação.

Considerando, pois, a afirmação inicial da *Lumen Gentium* (LG 1) de que a Igreja “é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”, é

<sup>4</sup> RATZINGER, J. *O novo Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

<sup>5</sup> KLOPPENBRG, B. *A eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971.

<sup>6</sup> PHILIPS, G. *La Chiesa e il suo mistero*: Storia, testo e commento della *Lumen Gentium*. Milano: Jaca Book, 1975.

<sup>7</sup> Havia duas abordagens distintas na Mariologia prevalentes nas duas décadas anteriores ao Concílio: O primeiro, tradicional e devocional, era especulativo, com a fórmula “*in Maria, per Mariam*” ou “*de Maria nunquam satis*”. O segundo buscava tornar a Mariologia um estudo objetivo e científico, evitando intromissões devocionais e subjetivas.



possível perceber sua centralidade no mistério de Cristo. Para Alfaro (1973, p. 106), a eclesiologia do Vaticano II é “eminentemente cristológica” e, por ser cristocêntrica, é legítima em sua reflexão. Maria, nesse contexto, é apresentada como “tipo da Igreja em Cristo”, e não como algo separado. A visão cristocêntrica do Concílio é essencial para compreender o mistério da Igreja e o papel de Maria na história da salvação, aprofundando a compreensão de Maria como *modelo e tipo* da Igreja.

### 1.1 Eclesiologia mariana à luz do mistério de Cristo

No prólogo do capítulo mariano da *Lumen Gentium*, os padres conciliares, a partir de uma perspectiva bíblica da mariologia, destacam a participação de Maria na obra redentora e articulam dois princípios<sup>8</sup> da mariologia (Boff, 2004, p. 18-21; 96), evidenciando a relação estreita entre Maria e a Igreja, reafirmando que a Mãe de Cristo é também Mãe do Corpo Místico. Essa dialética teológica de “distância e proximidade” (Feller, 2021, p. 81) coloca Maria ao lado de Cristo como Mãe da Igreja e, ao nosso lado, como membro da Igreja (LG 54), sempre salvaguardando a única mediação de Cristo (Kasper, 2012, p. 200). Nessa perspectiva conciliar, Costa (2013, p. 77) explica que a eclesiologia mariana se desenvolve em três etapas: o tempo das promessas, o tempo da Igreja e, finalmente, a Escatologia.

A primeira fase, a antiga aliança, Maria é a personificação do povo escolhido por Deus para a salvação (Lc 1,55), sendo chamada pelo Concílio (LG 55) de “excelsa Filha de Sião”. Ela assume a missão de ser mãe do Filho de Deus, dando à luz o “Filho, cujo nome será Emanuel” (Bíblia, 2019, Is 7,14, p. 1018; Mq 5, 2-3, p. 1303; Mt 1, 22-23, p. 1346), e se coloca entre os humildes que esperam a salvação (LG 55). Com a vinda de Cristo (Bíblia, 2019, Gl 4,4, p. 1595), Maria, unida ao Filho, participa da obra redentora por obediência,<sup>9</sup> fé e caridade (LG 61). Sua Imaculada Conceição e Virgindade a tornam disponível para a vontade salvífica de Deus, sendo um canal essencial para a salvação (LG 56).

<sup>8</sup> Pelos princípios explícitos, Maria é colocada ao lado de Deus, redimida de maneira sublime e unida a Cristo, como filha predileta do Pai e sacrário do Espírito Santo. Pelos princípios limitativos, Maria é vista como membro da humanidade e da Igreja, compartilhando a condição de todos os seres humanos que necessitam da salvação, sendo exemplo eminente de fé e amor (LG 53).

<sup>9</sup> Maria é destacada pelo Concílio entre os personagens bíblicos de total obediência a Deus (LG 53, 55, 56, 57, 58, 61, 63, 64, 65).



O Concílio Vaticano II, na segunda fase, destaca o “tempo da Igreja” a partir de Pentecostes, com a vinda do Espírito Santo, e a função singular de Maria na história da salvação e sua relação com a Igreja. Estabelece três paralelos entre Maria e a Igreja: como “Mãe”, “tipo” e “modelo”. Como Mãe do Redentor, Maria participa da mediação de Cristo, regenerando e formando os cristãos, além de interceder por todos até o fim (LG 62). Sua maternidade se estende à Igreja, cuidando dos irmãos de Cristo. Como “tipo” da Igreja, Maria reflete fé, caridade e união com Cristo (LG 63), sendo modelo de virtude, especialmente nas virtudes teológicas. Finalmente, é apresentada como “modelo excelente” (LG 53, 63) para todos os cristãos, exemplo de virtude (LG 65). O Concílio exorta à promoção do culto litúrgico à Virgem, destacando que a devoção deve glorificar a Trindade e o amor de Cristo, além de recomendar um novo empenho na teologia mariana e no diálogo ecumênico (LG 66-67).

Na culminância da história da salvação, a terceira fase, conforme Costa (2013, p. 78), Maria surge como “imagem e início da Igreja” celestial, sendo símbolo de esperança para o povo de Deus que ainda peregrina (LG 68). Ela atua como um sinal seguro, guiando os fiéis até a consumação do Reino de Deus, intercedendo para que todas as nações se unam em paz e harmonia (LG 69). Maria, glorificada, é um farol de fé, apontando para a plena realização da promessa divina, confortando e sustentando os que aguardam “o dia do Senhor” (Galot, 1965, p. 1184).

Segundo Alfaro (1982, p. 59) e Boff (2012, p. 105), os padres conciliares, ao afirmarem que o modo e o método “da fé católica não devem obstaculizar o diálogo com os irmãos” (UR, 11),<sup>10</sup> apresentaram a eclesiologia mariana com Cristo como critério hermenêutico (UR 12). As semelhanças e diferenças entre Maria e a Igreja,<sup>11</sup> considerando Cristo como critério hermenêutico, incluem: Maria pertence à comunidade humana salva por Cristo, a Igreja; sua graça é sacramental, como a da Igreja; ela contribuiu diretamente para o acontecimento salvífico; tanto a graça de Maria quanto a da Igreja provêm de Cristo; Maria está unida à Igreja por sua união com Cristo; e, é o protótipo da Igreja, representando sua plenitude.

<sup>10</sup> As chamadas indicam a sigla do Decreto do Concílio Vaticano II sobre o ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*) e o parágrafo correspondente (Paulo VI, 1964).

<sup>11</sup> Ao refletir sobre a conexão comum e distinta entre Maria, a Igreja e Cristo, é possível entender claramente o que as une e o que as diferencia, o que contribui para esclarecer ainda mais o papel fundamental da Bem-Aventurada Virgem Maria nas conclusões do Concílio. Para aprofundamento (Alfaro, 1982, p. 60-64).



## 2 Eclesiologia mariana do pós-Concílio Vaticano II à Conferência de Aparecida<sup>12</sup>

Após o Concílio Vaticano II, a Mariologia na *Lumen Gentium* marcou um avanço importante na eclesiologia mariana, ampliando a reflexão sobre Maria. A Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (1974) de Paulo VI e a Encíclica *Redemptoris Mater* (1987) de João Paulo II, juntamente com as contribuições das conferências episcopais, especialmente da América Latina e do Caribe, enriqueceram este estudo. A Igreja pós-conciliar sublinhou Maria como membro eminente da Igreja e modelo de vida cristã, renovando a compreensão de sua participação na missão e obra da Igreja. Maria passou a ser compreendida não apenas como mãe espiritual, mas também como um exemplo de fé, obediência e dedicação à vontade de Deus, inspirando os fiéis em sua caminhada cristã.

### 2.1 *Marialis Cultus* e *Redemptoris Mater*: a maternidade de Maria no culto e na vida da Igreja<sup>13</sup>

A Exortação Apostólica *Marialis Cultus* (1974) de Paulo VI, promulgada dez anos após a *Lumen Gentium* (1964), foi importante para o desenvolvimento de uma mariologia contemporânea, com ênfase na retificação do culto mariano. O documento sublinha que a devoção a Maria se origina e se completa em Cristo, e leva os fiéis ao Pai, no Espírito. Já a Encíclica *Redemptoris Mater* (1987), de João Paulo II, foi promulgada para iniciar o Ano Mariano, celebrando os dois mil anos do nascimento de Maria (RM 3). Diferente da *Marialis Cultus*, a *Redemptoris Mater* aborda a reflexão sobre Maria no ministério de Cristo e sua presença ativa na Igreja, renovando e enriquecendo a devoção mariana. Ambas as obras refletem a profundidade da teologia mariana no contexto da missão de Maria na Igreja.

Em continuidade à renovação do Concílio Vaticano II, Paulo VI publicou, em 1974, a Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, o documento

<sup>12</sup> Como critério pedagógico, seguir-se-ão apenas as subseções especificamente dedicadas ao tema da eclesiologia mariana com o intuito de localizar referências ao capítulo VIII da *Lumen Gentium*.

<sup>13</sup> Entre o Concílio Vaticano II e a Conferência de Aparecida, o magistério pontifício abordou questões mariológicas, destacando-se a Exortação *Marialis Cultus* e a Encíclica *Redemptoris Mater* nos debates teológicos do século XX. Optamos por analisar esses documentos como uma “ponte” para refletir sobre a Mariologia na América Latina.



mariano mais importante após o capítulo VIII da *Lumen Gentium* (De Fiores, 1985, p. 101). Este documento atualizou a mariologia e promoveu um culto mariano mais alinhado com os tempos modernos, abordando a crise contemporânea da devoção a Maria, causada não pela perda de significado, mas pelo desalinhamento entre o culto “tradicional” e novas concepções sociais (MC 34).<sup>14</sup> *Marialis Cultus* destaca a eclesiologia mariana, enfatizando Maria como membro eminente da Igreja e modelo de fé e obediência, e reafirma que o culto a Maria deve estar vinculado à centralidade de Cristo e ao plano salvífico da Igreja (MC 2).

A *Marialis Cultus* aponta para a busca de um culto mariano mais significativo, alinhado às transformações sociais e culturais, enfatizando uma abordagem antropológica que considere as necessidades contemporâneas (MC 37). Maria é vista não apenas como parte da história da salvação, mas também como modelo de virtude que ressoa com os anseios humanos atuais. A leitura das Escrituras, guiada pelo Espírito Santo e pelas ciências humanas, permite entender Maria como um modelo de união com Cristo e a Igreja, essencial para a missão da Igreja no presente. A renovação do culto mariano fortalece a eclesiologia mariana, destacando Maria como modelo e intercessora na obra de salvação (Iwashita, 2014, p. 569).

Seguindo o impulso do Concílio Vaticano II para fortalecer o culto mariano, além da *Marialis Cultus*, João Paulo II promulgou a Encíclica *Redemptoris Mater*, que destaca a presença ativa de Maria na Igreja como modelo de eclesiologia mariana (RM 1). Maria é apresentada como peregrina, acompanhando o povo de Deus em sua jornada espiritual (MC 2). A Igreja, como Maria, exerce uma função maternal, reconhecendo sua vocação sacramental como essencialmente materna (RM 43). A Igreja, assim, adquire uma configuração mariana, feminina, que equilibra o peso hierárquico masculino proveniente da figura dos apóstolos. Como aponta Feller (2021, p. 88), os atributos de Maria podem ser aplicados à Igreja.

Segundo Murad (2012, p. 78), a Encíclica *Redemptoris Mater* destaca que Maria, como mãe e modelo, participa profundamente na missão da Igreja, sendo fonte de inspiração para todos os cristãos. Sua presença vai além da memória histórica, atuando como força vital no cotidiano da Igreja, intercedendo e guiando os fiéis para Cristo (RM 4). Dessa forma, a Igreja pós-conciliar reafirma Maria como um símbolo

<sup>14</sup> As chamadas indicam a sigla da Encíclica (*Marialis Cultus*) e o parágrafo correspondente (Paulo VI, 1964).



de fé e compromisso cristão, refletindo sua vivência de unidade e obediência a Deus.

## 2.2 A eclesiologia mariana conciliar nos documentos das Conferências Episcopais da América Latina

A reflexão sobre a Mariologia na América Latina, a partir da *Lumen Gentium*, destaca uma eclesiologia mariana que integra Maria à missão da Igreja, enfatizando-a como modelo de fé, caridade e da obediência, essenciais para uma “Igreja em saída”, conforme o Papa Francisco (EG 25). As propostas pastorais dessa reflexão reforçam a necessidade de uma Igreja missionária, inspirada em Maria, que se aproxima das periferias existenciais e age com renovada compaixão. Assim, a eclesiologia mariológica nas Conferências Episcopais da América Latina se alinha ao chamado do Papa Francisco para uma Igreja renovada na missão.

A I Conferência Geral do CELAM, realizada no Rio de Janeiro,<sup>15</sup> menciona Nossa Senhora apenas duas vezes. A primeira na Mensagem e a segunda ao recomendar o respeito à piedade popular, incluindo a devoção mariana.<sup>16</sup> O Documento de Medellín,<sup>17</sup> da II Conferência Episcopal da América Latina, reflete o entusiasmo pós-conciliar e foca no contexto social e histórico. Scatena (2007, p. 511) define a Igreja latino-americana como pobre, missionária e pascal, com Maria citada como Mãe da Igreja (Medellín, n. 40, 43),<sup>18</sup> associada à renovação de Pentecostes e à pneumatologia da Igreja.

O título de “Mãe da Igreja” foi proclamado oficialmente por Paulo VI em 1964, durante o Concílio Vaticano II. Baseado no dogma da maternidade divina de Maria, definido no Concílio de Éfeso (431), Maria é reconhecida como a mãe de Jesus, tanto humana quanto divina (Denzinger; Hüenermann, 2007, n. 251). Em Medellín, Maria é destacada

<sup>15</sup> I Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada no Rio de Janeiro, no Brasil, de 25 de julho a 04 de agosto de 1955.

<sup>16</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Rio de Janeiro (1955). 1ª Conferência General del CELAM”. Disponível em: [://www.celam.org/documentos/Documento\\_Conclusivo\\_Rio.pdf](http://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Rio.pdf). Acesso em: 15 fev. 2025.

<sup>17</sup> II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada na cidade de Medellín, na Colômbia, de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968.

<sup>18</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Conclusões de Medellín*. Petrópolis: Vozes, 1977 (daqui em diante Medellín).



por sua participação na evangelização na América Latina (Hackmann, 2017, p. 442), sendo um modelo de fé e maternidade espiritual (At 2,42).

Em Puebla,<sup>19</sup> a mariologia é central no ponto 2.4, onde Maria é descrita como mãe e modelo da Igreja. A maternidade de Maria é destacada por sua colaboração no plano salvífico de Deus, sendo mãe da humanidade e intercessora pela Igreja (Puebla, n. 290-296).<sup>20</sup> Além disso, ela é apresentada como exemplo de fé, pobreza e obediência a Cristo, refletindo sua virgindade e entrega total a Deus. Maria também é vista como modelo de mulher e serviço eclesial, fundamental para redefinir o papel da mulher na Igreja e sociedade (Puebla, n. 298-299).

Em Santo Domingo,<sup>21</sup> Maria é a “estrela da nova evangelização” (Santo Domingo, n. 48), modelo de fé e discípula perfeita (Santo Domingo, n. 15). Ela é considerada a evangelizadora por excelência, comprometendo-se com a transmissão do Evangelho. Maria é descrita como modelo de evangelização da cultura e fonte de inspiração para as mulheres na Igreja (Santo Domingo, n. 229, 104). Sua devoção é vista como essencial para a identidade da Igreja latino-americana, representando também o ideal de santidade e serviço maternal (Santo Domingo, n. 143, 163).

Na V Conferência, realizada em Aparecida,<sup>22</sup> a mariologia ocupa um papel importante, com Maria sendo apresentada como “discípula e missionária” no ponto 6.1.4. Ela é destacada como a “discípula mais perfeita do Senhor” devido à sua fé, obediência e constante meditação sobre a Palavra de Deus (Aparecida, n. 266).<sup>23</sup> Esse reconhecimento reflete sua exemplaridade como seguidora de Cristo, sendo chamada a viver a missão de evangelizar com humildade e dedicação, conforme exposto em *Lumen Gentium* (LG 53).

<sup>19</sup> III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, no México, em Puebla de Los Angeles, entre 27 de janeiro e 13 de fevereiro de 1979.

<sup>20</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Puebla. A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 3ª Conferência. Petrópolis: Vozes, 1979 (Daqui em diante Puebla).

<sup>21</sup> IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Santo Domingo, na República Dominicana, no período de 12 a 28 de outubro de 1992.

<sup>22</sup> V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe realizou-se em Aparecida, em Aparecida-São Paulo/Brasil, no período de 13 de maio a 31 de maio de 2007.

<sup>23</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007 (Daqui em diante Aparecida).



O Documento de Aparecida, de acordo com Hackmann (2017, p. 452), destaca Maria como a figura importante da missão cristã. Ela é vista como o cumprimento da esperança dos pobres e geradora da Igreja-família (Aparecida, n. 267-268), além de continuar a missão de seu Filho, especialmente na América Latina, onde sua devoção popular é vivenciada em diversos santuários (Aparecida, n. 269). Maria é apresentada como modelo de discípula, ensinando a viver a Palavra de Deus e praticar o serviço no seguimento de Cristo (Aparecida, n. 271).

A piedade popular é também destacada no Documento de Aparecida, sendo considerada um “precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina” (Aparecida, n. 258). Essa forma de devoção é vista como legítima expressão da fé dos povos latino-americanos, sendo uma fusão entre as culturas locais e a fé cristã. A piedade popular serve como um ponto de união, reunindo os povos em torno de Cristo e refletindo valores espirituais e comunitários (Aparecida, n. 265).

A eclesiologia mariana nas Conferências Episcopais reflete a importância do conceito de “Igreja em saída”, proposto por Papa Francisco. Maria, como modelo de serviço e maternidade espiritual, inspira a missão da Igreja em movimento. O Documento de Aparecida, conforme Carlos Maria Galli (2018, p. 61), reflete um “sabor bergogliano”, no qual Maria nos orienta a viver a missão cristã, alinhando-se com a atitude missionária e acolhedora proposta pelo Papa Francisco.

### 3 Maria e a “Igreja em saída” na eclesiologia do Papa Francisco

A figura de Maria, refletida na *Lumen Gentium* e nas Conferências Episcopais da América Latina, é essencial para a compreensão da Igreja como comunidade missionária, abrindo caminho para a proposta do Papa Francisco de uma “Igreja em saída” (EG 24). Essa Igreja, inspirada pelo exemplo de Maria rompe com a autorreferencialidade e se direciona às periferias existenciais, acolhendo todos com generosidade e amor, como uma verdadeira “casa de portas abertas” (LG 6; FT 276). Maria é vista por Francisco como a “Mãe da Igreja em saída” (EG 288), simbolizando a missão de evangelizar e testemunhar o amor de Deus para todos, sem exceção.



### 3.1 Papa Francisco e o desejo por uma “Igreja em saída”

A expressão “Igreja em saída” foi proposta por Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), chamando a Igreja a uma renovação missionária. O Papa deseja uma Igreja que se torne uma comunidade missionária, focada no testemunho de Cristo, especialmente junto aos marginalizados (EG 3-4). Para ele, a Igreja deve ir além da transmissão de doutrinas, sendo um Povo de Deus que caminha em direção aos necessitados, levando a mensagem de salvação a todos (EG 14). A missão da Igreja se concretiza ao abrir-se para os que estão à margem, acolhendo-os com amor e generosidade.

A “Igreja em saída” proposta por Papa Francisco é uma Igreja em movimento, disposta a se aproximar dos afastados e excluídos (EG 24). A transição de uma Igreja autorreferencial para uma aberta à alteridade é um convite a viver o evangelho de forma inclusiva, reconhecendo o outro e buscando seu bem (EG 9). O Papa destaca que a missão deve ser central, transformando a Igreja em um “estado permanente de missão”, focado em evangelizar e enfrentar os desafios da fé (EG 25). Assim, a proposta é uma nova práxis eclesial que une a eclesiologia da libertação com a prática missionária concreta.

Para Panazzolo (2006, p. 16), a missão é essencial à Igreja, que sempre viveu a missão antes de formalizá-la. O Papa Francisco compartilha essa visão, afirmando que a missão não é uma simples transmissão de doutrinas, mas um esforço para garantir que “a mensagem do Evangelho chegue a todos, sem exclusões” (EG 35), com um impacto transformador e inclusivo. Ele ressalta que a pregação deve refletir o amor e a liberdade em Cristo (EG 39). Nesse contexto, Comblin (2011, p. 222) aponta que a missão proposta por Francisco visa transformar vidas e conduzir à verdadeira liberdade.

O Papa Francisco deseja que a Igreja seja um instrumento de consolo e amor salvífico, superando falhas humanas e oferecendo esperança a todos (EG 43). Ele alerta contra uma postura rígida, que pode afastar a Igreja das pessoas e torná-la um “grupo de eleitos” fechado (EG 26, 28). Francisco propõe uma Igreja aberta, testemunhando o amor de Cristo e alcançando os outros, onde quer que estejam (EG 121, 127). Ele convida todos a viverem a missão, superando a comodidade e indo às periferias, onde o Evangelho é mais necessário (EG 20). A “saída missionária” reflete a vocação da Igreja de ser luz, especialmente para os marginalizados.



O Papa Francisco destaca que a “Igreja em saída” não é um movimento sem rumo, mas uma Igreja que vai aos marginalizados, promovendo uma acolhida verdadeira, sem barreiras (EG 46, 47). Panazzolo (2006, p. 101-102) aponta que Francisco rejeita a ideia de uma Igreja controladora da graça, defendendo-a como uma “casa aberta”, solidária e promotora de comunhão e unidade na diversidade. A missão da Igreja deve ocorrer no encontro com o mundo, com urgência e sem excluir ninguém. Para isso, é necessário adaptar as estruturas e práticas pastorais a uma atitude missionária, levando a Boa Nova aos mais necessitados (EG 42).

Para o Papa Francisco, a “Igreja em saída” não é uma nova estrutura, mas uma nova forma de ver e viver a Igreja, formando um novo modelo eclesial (Kasper, 2015, p. 56). Isso implica entender a Igreja como o “Povo de Deus” em caminho, mais do que uma instituição hierárquica, sendo um lugar de acolhimento e misericórdia (Kasper, 2015, p. 57; Comblin, 2011, p. 26). A Igreja deve ser inclusiva, onde todos se sintam amados e perdoados (EG 114). Essa visão se alinha à maternidade de Maria, que simboliza a ternura e o amor de Deus pelos marginalizados, refletindo o modelo de Igreja em saída, um itinerário eclesial de “estilo mariano” (Codina, p. 130; Pedrosa, 2019, p. 154-155).

### 3.2 Eclesiologia mariana como modelo de uma “Igreja em saída”

O estilo de “Igreja em Saída” proposto pelo Papa Francisco está relacionado à ternura que a Igreja deve cultivar, especialmente com os marginalizados. O Papa adota uma eclesiologia mariana, inspirada na *Lumen Gentium* e nas Conferências Episcopais Latino-Americanas, vendo Maria como modelo de Igreja (Mello, 2019, p. 56). Francisco (2018, n. 1) destaca que a Igreja, ao imitar Maria, pode viver autenticamente como uma Igreja “em saída”, refletindo o “estilo mariano” na missão evangelizadora. Maria, como modelo e presença materna de Deus, é o exemplo de acolhimento, amor e misericórdia para os pequenos e pobres (EG 114, 210, 287). A Igreja deve seguir seu exemplo, oferecendo cura e esperança com compaixão.

Segundo Boff (2006, p. 41-42), entre Maria e a Igreja, há uma relação íntima e profunda, uma identificação misteriosa ou “identificação analógica”, como se dissesse: “Maria é **como** (se fosse” a Igreja)”, que nos permite dizer: “Maria é a Igreja”. Ela é a Igreja em pessoa, a *Ecclesia*



*contracta*. Esta identidade mistérico-ontológica funda o significado coletivo dos textos que se referem pessoalmente à Mãe de Jesus (Bíblia, 2019, Jo 19,26-27, p. 1494; Gn 3,15, p. 32; Is 66,7-8, p. 1084; Ap 12,1-2, p. 1692-1693). O que é dito individualmente d’Ela pode também ser dito coletivamente da Igreja, de tal modo que a Mariologia se torna “uma chave” para entender a Eclesiologia como disse a *Lumen Gentium* (LG 53, 63, 65) e a *Redemptores Mater* (RM 47,2).

A ideia de “personalidade coletiva” (Boff, 2006, p. 42) sugere que Maria, como modelo de uma Igreja “pobre, serve e libertadora”, representa uma Igreja com características similares. Essa visão é refletida nos Documentos de Puebla (n. 282-303), onde Maria é vista como o “segredo íntimo” da Igreja, essencial para entender sua missão. A proposta da “Igreja em saída” de Francisco visa superar uma Igreja institucional e hierárquica, entendendo-a como Povo de Deus ou Mistério (Souza, 2022, p. 497; EG 111). Assim, ao adotar a eclesiologia mariana do Concílio Vaticano II, Francisco amplia a relação Maria-Igreja, desenvolvendo-a em três dimensões: Maria/Igreja e a Humanidade, a nova sociedade e os pobres (Boff, 2006, p. 43).

### 3.2.1 Maria (=Igreja) e a Humanidade

O conceito de Maria (=Igreja) e a humanidade na eclesiologia mariana é alargado na medida em que ela representa o “Mundo Novo”, liberto por Cristo (Forte, 1991, p. 153). Nesse contexto, Maria é vista como a Nova Eva, figura da nova humanidade, a personificação do mundo novo desejado por Deus, um reflexo da humanidade do novo Paraíso (Bíblia, 2019, Ap 22, 1-2, p. 1702). Pela sua excepcional proximidade ao homem novo e perfeito, Jesus, Filho de Deus e seu Filho, Maria reflete em si, em sua feminilidade verdadeira e plena, a totalidade do humano em sua unidade originária e final. Nela o feminino não é alternativo ou contraposto ao masculino; ao contrário, é a revelação profunda dele precisamente em sua identidade de feminino e na reciprocidade da qual vive e para a qual remete. Em Cristo “não há nenhuma exclusão, mas a humanidade total, o Arquétipo do humano e Maria, toda relativa a Cristo, vive essa totalidade, integrando sua feminilidade na plenitude da humanidade nova.

Segundo Forte (1991, p. 154-155), assim como toda imagem encontra sua razão na totalidade, o ser humano adquire clareza através do ser da mulher. A totalidade, portanto, não significa apenas a revelação



da “outra metade” do ser, mas também a revelação da própria essência. Nesse contexto, Maria, no *mysterium charitatis*, representa essa reconstrução da totalidade que Deus deseja, pois, ao ser escolhida por Deus para ser a Mãe do Novo Adão, ela se torna o ponto de união entre o humano e o divino. A concretude de sua feminilidade – simples, verdadeira e repleta de significado – não nos aproxima apenas de um arquétipo do feminino, mas, através de sua identidade de Virgem-Mãe-Esposa, Maria nos conduz à compreensão do humano originário e final (Forte, 1991, p. 155). A reciprocidade entre os polos masculino e feminino, que se configura na perfeita comunhão de Maria com Cristo, revela a plenitude do ser humano, integrando sua feminilidade na totalidade da humanidade desejada por Deus.

O Papa Francisco (2018, p. 4), ao refletir sobre a eclesiologia mariana na perspectiva de uma “Igreja em saída” à luz da *Lumen Gentium* e das conferências latino-americanas, especialmente do Documento de Puebla (n. 282, 291), propõe uma visão teológica do feminino que revela a imagem de Deus através de Maria, traduzindo-a para a vida dos fiéis. Ele afirma que, para compreender o feminino de Deus, “ninguém como Maria” é mais indicada, pois ela é a que mais profundamente conheceu o mistério da misericórdia divina (Francisco, 2019, p.19). Maria, com seu coração materno e sensibilidade única, é intermediária desse amor misericordioso, tocando de maneira especial os corações dos fiéis (EG 47-48). “A Igreja é Mãe” (Francisco, 2019, p.25). Ela, como participante da paternidade divina, revela, assim, a “feminidade” do Eterno na história humana, testemunhando o amor de Deus em sua plenitude e nos convidando a integrar essa realidade na vivência da nossa própria humanidade (EG 49).

Considerando a desigualdade de direitos e atuação da mulher, especialmente dentro da Comunidade Cristã, e as reflexões sobre a emergência do feminino no corpo eclesial, o Papa Francisco tem incentivado a maior valorização da presença feminina na missão da Igreja (EG 103, 287; GE 12;<sup>24</sup> CV 42<sup>25</sup>). Em seus discursos, é possível observar, entre outros, três pontos-chave para a formulação de uma eclesiologia mariana alinhada com a proposta de renovação eclesial da “Igreja em saída”

<sup>24</sup> As chamadas indicam a sigla da Exortação Apostólica (*Gaudete et exsultate*) e o parágrafo correspondente (Francisco, 2018).

<sup>25</sup> As chamadas indicam a sigla da Exortação Apostólica (*Christus vivit*) e o parágrafo correspondente (Francisco, 2019).



(EG 27-33): O primeiro ponto enfatiza a conscientização sobre o valor da mulher, promovendo uma nova mentalidade de parceria e identidade do masculino-feminino, construindo uma vida de iguais, inspirada nos valores cristãos e no Reino de Deus (AL 54;<sup>26</sup> EG 103). O segundo propõe integrar a visão feminina na reflexão teológica mariana e na evangelização inculturada (EG 104). O terceiro defende uma mariologia libertadora, superando interpretações androcêntricas e refletindo na prática feminina nas esferas sociais e eclesiais (EG 212; AL 173, 312).

### 3.2.2 *Maria (=Igreja) e a nova sociedade*

Maria e a nova sociedade estreitam-se em relação ao aspecto anterior, pois a visão da humanidade, de forma geral, torna-se na particularidade da sociedade. A tradição da Igreja aplica a Maria textos bíblicos referentes ao povo de Israel, como os que falam sobre a “Filha de Sião” (Bíblia, 2019, Lc 1,28, p. 1420; Sf 3,14, p. 1319), que exulta na alegria do tempo messiânico, e a “mulher” que representa Israel-Jerusalém-Igreja, inserida na hora escatológica (Bíblia, 2019, Jo 2,1-11, p. 1468; 19,25-27, p. 1494; Ap 12, p. 1692-1693). Maria, mulher concreta escolhida por Deus para inaugurar o novo começo do mundo, não é um símbolo do universal, mas, ao contrário, é a “*Virgo singularis*”, a Virgem irrepetível em sua historicidade única. O feminino concreto de Maria, escolhida pelo Eterno para revelar o Mistério de Seu Filho, o “Universal concreto” – norma e arquétipo do humano – faz dela, em sua singularidade, uma participante na universalidade do desígnio salvífico. Assim, pode-se afirmar que Maria é um ícone da realização plena do plano divino de salvação para a humanidade (Forte, 1991, p. 143-146).

Segundo Forte (1991, p. 148), Maria, ícone do Mistério, representa um discurso de fé baseado no dado bíblico e patrístico, sendo o testemunho de “Maria-Israel-Igreja” narrativo e simbólico. A eclesiologia mariana deve, assim, buscar na mulher eleita por Deus o Mistério revelado nela, contemplando o ícone da “Mãe do Senhor”. Sob essa perspectiva, Boff (2006, p. 44-45) argumenta que Maria aparece como ícone da figura religiosa associada a uma figura política, tal como se manifesta nas diferentes enculturações de sua figura, simbolizando a “Cidade de Deus”, a *polis* por excelência, a sociedade justa, símbolo da nova “cosmópolis”,

<sup>26</sup> As chamadas indicam a sigla da Exortação Apostólica (*Amoris Laetitia*) e o parágrafo correspondente (Francisco, 2016).



da cidade-mundo. Nesse aspecto, Maria, além de ser o tipo da Igreja, aparece também como o modelo de uma cristandade particular, uma “chave antropológica” para se entender o coração de um povo, como é o caso de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Guadalupe.

A eclesiologia mariana do Papa Francisco, conforme Galli (2018, p. 93-94), apresenta Maria como ícone da Igreja e da sociedade, modelo de acolhimento, misericórdia e presença em um mundo “fechado” (FT 10-55) e “ferido” (LS 17-61). Lúcia (2019, p. 154-155) destaca que esse “estilo mariano” articula “mística e profecia, oração e ação”, essenciais para a espiritualidade do evangelizador na “Igreja em saída”. Maria simboliza essa Igreja comprometida com a transformação do mundo e com uma sociedade justa (FT 108-197). Sua eclesiologia convida todos a seguir seu exemplo, vivendo uma missão de cuidado, serviço e compromisso com as “periferias existenciais e sociais” (EG 24; LS 17, 241).

### 3.2.3 Maria (=Igreja) e os pobres

O conceito da Igreja como “Igreja dos pobres”, mencionado por João XXIII (Kloppenbug, 1963, p. 301), tornou-se um lugar-comum, reconhecendo que os pobres têm um lugar preferencial na Igreja, especialmente no serviço da caridade e evangelização. Eles representam, no seio da Igreja de Cristo, a *Ecclesia praedilectorum* (Bíblia, 2019, Hb 13,13, p. 1651). Mais ainda, como *pars pro toto*, são simbolicamente a própria Igreja de Cristo. Na origem dessa identificação Igreja=pobres, encontra-se outra mais originária: Cristo=pobres. Os pobres, efetivamente, são um “sacramento” particular de Jesus, como ensina a *Lumen Gentium* (LG 3). A base dessa identificação é a comunhão dos sofredores com a cruz do Senhor. Segundo Moltmann (1978, p. 157-161), se é verdade que *ubi Christus, ibi Ecclesia* e Cristo se encontra onde estão os pobres (Mt 25), também podemos afirmar: *ubi pauperes, ibi Ecclesia*. Nessa perspectiva, Maria, depois de Cristo, é a representante dos pobres e da Igreja dos pobres.

Segundo Gebara e Bingemer (1987, p. 29, 67, 200), a eclesiologia de Maria (=Igreja) e os pobres fundamenta-se no princípio de que Cristo é o “arquétipo” da Igreja (dos pobres), como sacramento da salvação (da graça oferecida), enquanto Maria é o “protótipo” da Igreja (dos pobres) como comunidade de fé (graça acolhida). Maria, Mãe de Jesus e mulher profética, é destacada pelo Concílio Vaticano II como “tipo e modelo” da Igreja, sendo reveladora e paradigma da verdadeira “opção pelos



pobres”, expressa no *Magnificat* (MC 37; RM 37). Assim, a expressão “Maria=Mulher=Pobres”, vai além de uma simples afirmação, refletindo o rosto materno e misericordioso de Deus, convidando-nos à comunhão com o Pai e Cristo (Puebla n. 282). Para Costa (2013, p. 94-95), Maria é reveladora da imensa gratuidade divina, traduzida em misericórdia, benevolência e compromisso nas lutas pela dignidade humana, onde a eclesiologia mariana nasce da reflexão sobre o meio oprimido, entrelaçando ternura, vigor, paciência e coragem.

A eclesiologia mariana do Papa Francisco apresenta a Igreja com “a força e a ternura de Maria Mãe” (QA 101)<sup>27</sup> ou uma “Casa de portas abertas” (FT 276), com olhar preferencial para os pobres e excluídos (LS 158), diante das crises humanitárias (LS 75), seguindo o exemplo de Jesus (EG 200) que “olha com o coração” (FT 281). Maria, como modelo de justiça, ternura e misericórdia (LS 220, 241), reflete o *Magnificat* (BIBLIA, 2019, Lc 1,46-55, p. 1424-1422) e acolhe os sofredores (Pádua, 2019, p. 155). Segundo o Papa Francisco (2019, p. 31), ao adotar o “estilo mariano”, a Igreja compromete-se a transformar as estruturas opressoras e a agir ao lado dos empobrecidos. Para Suess (2015, p. 158), a eclesiologia mariana proposta pelo Papa Francisco convida a Igreja a “colocar os dedos nas chagas de Jesus que se revelam na carne sofredora dos outros”, abraçando a dor dos sofredores e promovendo a transformação social com coragem e solidariedade. Esse gesto materno é a expressão de uma Igreja que caminha com os pobres, cumprindo sua missão profética (Boff, 2020, p. 37).

## Conclusão

A eclesiologia mariana proposta do Concílio Vaticano II, especialmente delineada no capítulo VIII da *Lumen Gentium*, promoveu uma renovação significativa na compreensão da figura de Maria na Igreja. Ao apresentá-la como modelo exemplar, refletindo sua missão e sua íntima relação com Cristo, o Concílio integrou a Mariologia à Sagrada Escritura e à tradição patrística, conforme sublinhado por De Fiores (1985, p. 892-893). Essa perspectiva teológica consolidou Maria não apenas como Mãe de Cristo, mas como figura importante no mistério da Igreja e em sua missão no mundo.

<sup>27</sup> As chamadas indicam a sigla da Exortação Apostólica (*Querida Amazônia*) e o parágrafo correspondente (Francisco, 2020).



O desenvolvimento da Mariologia pós-conciliar, evidenciado em documentos como *Marialis Cultus* (1974) de Paulo VI e *Redemptoris Mater* (1987) de João Paulo II, aprofundou a compreensão de Maria como membro eminente da Igreja e modelo de vida cristã. As Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe reforçaram esse olhar, destacando sua função na missão evangelizadora como exemplo de serviço e acolhimento. Essa evolução doutrinária favoreceu uma Mariologia mais pastoral e comprometida, realçando a relevância de Maria na prática eclesial.

O Papa Francisco, ao propor uma Igreja como “Casa de portas abertas” (FT 276), retoma e atualiza a eclesiologia mariana do Vaticano II, vinculando-a aos desafios pastorais contemporâneos. Sua visão da Igreja “em saída” resgata Maria como modelo de acolhimento e serviço, especialmente aos marginalizados. Francisco articula uma Igreja inspirada por Maria – uma Igreja dedicada à evangelização, reconciliação e superação das divisões sociais e espirituais. Essa abordagem não apenas ressignifica os princípios da Mariologia conciliar, mas também os contextualiza no cenário global do século XXI.

Assim, a trajetória da Mariologia desde o Concílio Vaticano II até as propostas pastorais do Papa Francisco evidencia a relevância contínua de Maria na eclesiologia contemporânea. A eclesiologia mariana, longe de ser meramente teórica, orienta a prática pastoral, sendo imprescindível para compreender a Igreja como uma comunidade missionária e acolhedora (EG 11, 21). Inspirada por Maria, a Igreja é convocada a ser uma “Igreja em saída”, transformando as periferias existenciais de maneira inclusiva e misericordiosa. Dessa forma, Maria emerge como modelo de uma Igreja serva e libertadora, cuja missão é ser sinal vivo da ternura e do amor de Deus para todos os povos.

## Referências

- ALFARO, Juan. *Cristología y Antropología*. Madrid: Crisandad, 1973.
- ALFARO, Juan. *María la bienaventurada porque ha creído*. Roma: PGU, 1982.
- ALMEIDA, A. J. *Lumen gentium. A transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada Tradução Oficial da CNBB*. 2. ed. Brasília: CNBB, 2019.



- BOFF, C. *Introdução à mariologia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia Social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOFF, Lina. *Maria no movimento do Espírito Santo: em perspectiva evangelizadora pastoral*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2020.
- CODINA, Victor. Espírito e Iglesia em Francisco. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 58, p. 120-132, jan./abr. 2018.
- COMBLIN, José. *Pastoral urbana: o dinamismo na evangelização*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COMBLIN, José. *Povo de Deus*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Unitatis Redintegratio*. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 307-347.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Puebla. A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 3ª Conferência. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1979.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. Conclusões de Medellín. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Santo Domingo: Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- COSTA, Etel Maria Pereira. Maria, arquétipo do feminino na Igreja: uma leitura do Capítulo VIII da Lumen Gentium. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo: PUCSP. Ano XXI, n. 82, jul./dez. 2013.
- DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (org.) In: *Nuovo Dizionario di Mariologia* (NDM). Roma: Paulinas, 1985. p. 892-893.



DENZINGER, H.; HÜENERMANN, P. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007.

FRANCISCO, PP. *Mensagem para a XXXIII Jornada Mundial da Juventude*: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus (Lc 1, 30)”. Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana. Vaticano, 2018 Disponível em: [www.vatican.va/content/francesco/es/messages/youth/documents/papafrancesco\\_20180211\\_messaggio-giovani\\_2018.pdf](http://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/youth/documents/papafrancesco_20180211_messaggio-giovani_2018.pdf). Acesso em: 15 fev. 2025.

FRANCISCO, PP. *A Igreja*. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia*. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, PP. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre a chamada à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Papa Francisco Christus Vivit para os jovens e para Todo o povo de Deus*. Trad. Décio José Walker. Brasília: Edições CNBB, 2019.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. São Paulo: Paulinas, 2020.

GALLI, C. *Cristo, Maria, a Igreja e os povos: A Teologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

GALOT, J. Maria, tipo e modelo da Igreja. In: BARAÚNA, G. *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965.

GEBARA, Ivonne; BINGEMER, Maria Clara. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres*. Petrópolis, Vozes, 1987.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. Maria nas conferências episcopais da América Latina. In.: *ATeo*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 57, p. 437-457, set./dez. 2017. DOI: 10.17771/PUCRio.ATeo.31818.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

KASPER, Walter. *Papa Francisco: a revolução da misericórdia e do amor*. Prior Velho: Paulinas, 2015.



KLOPPENBURG, B. *Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1962. v.1, 2 e 3.

KLOPPENBURG, B. No quarentenário da *Lumen Gentium*. In.: *Revista Eclesiástica Brasileira*, fasc. 256 (outubro de 2004), p. 835.

LAURENTIN, René. *Court traité sur la Vierge Marie*. Cinquième édition refondue à la suite du Concile. Paris: Lethielleux, 1967.

MELLO, Pe. Alexandre Awi. Uma leiga chamada Maria: identidade e missão do leigo na Igreja e no mundo. In: ALMEIDA, João Carlos (org.). *Uma leiga chamada Maria*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019, p. 13-39.

MOLTMANN, Jurgen. *La Iglesia, fuerza del Espiritu*. Salamanca: Sí-gueme, 1978.

MONDIN, G. La Chiesa primizia del regno. Trattato di ecclesiologia. In: C. ROCCHETTA (org.). *Corso di Teologia Sistemática*. vol. 7. Bologna: Dehoniane, 1986. p. 192.

MÜLLER, Alois. O lugar de Maria e sua cooperação no evento Cristo. In: *Mysterium Salutis* III/7, 71-181, Petrópolis: Vozes, 1974.

MURAD, Afonso. *Maria, toda de Deus e tão humana*. São Paulo: Santuário, 2012.

MURAD, Afonso. Maria. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 584-588.

PÁDUA, Lúcia Pedrosa. Uma Igreja Mariana no Magistério do Papa Francisco. In: ALMEIDA, João Carlos (org.). *Uma leiga chamada Maria*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019. p. 139-171.

PANAZZOLO, João. *Missão para todos: introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.

PAULO VI, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1976.

PAULO VII, PP. *Discurso de Clausura da Terceira Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II*, em 21 de novembro de 1964. Disponível em: // [www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19641121\\_conclusions-iii-sessions.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html). Acesso em: 15 fev. 2025.



PHILIPS, Gérard. *La Chiesa e il suo mistero: Storia, testo e commento della Costituzione Lumen Gentium*. Milano: Jaca Book, 1975.

POZO, Cándido. *Maria en la obra de la salvación*. Madrid: BAC, 1974.

RAHNER, Karl. *Sollecitudine per la chiesa*. Tradução Carlo Danna. Roma: Paoline, 1982.

RATZINGER, J. L'ecclesiologia della costituzione *Lumen Gentium*. In: R. FISICHELTA (a cura). *Il Concilio Vaticano II. Recezione e attualità allá luce del Giubileo*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2000. p. 67.

RATZINGER, Joseph; BALTHASAR, Hans Urs Von. *Maria, Primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004.

SCATENA, S. *In populo pauperum*. La Chiesa latino-americana dal Concilio a Medellín (1962-1968). Bologna: Il Mulino, 2007.

SOUSA, Celia Soares; COSTA, Jonas Nogueira da. *Maria, onde o céu encontra a terra*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2022.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2015.